Salvo os filósofos, as pessoas não pensam nos arquétipos das coisas, e só vêem as coisas ou como absolutas, ou como arquétipos de outras coisas. Entretanto toda a Natureza serviu de modelo para a tecnologia humana — as aves e insetos aos aviões e mísseis, por exemplo, os cetáceos aos submarinos, o mimetismo à camuflagem, a pedra que se atira de várias formas, às balas e projéteis. No entanto as coisas não são absolutas! Como postulou Platão, as ideias são os arquétipos das coisas, logo as coisas não são manifestações de si mesmas, sendo fruto das ideias. Porém para quem olhe para as coisas, estabelece o senso comum, interpreta a realidade de modo a ver nas coisas a expressão absoluta do que existe, nelas mesmas, esquecendo-se do arquétipo que as gerou, a verdadeira fonte, ficando-se pela visão do mundo. Qualquer biólogo sabe que a intenção que rege a forma como a Natureza cria as coisas, traz consigo um método estruturado num modelo ideal que forja repetidamente este mesmo modelo, o reproduzindo inúmeras vezes com muitíssimas variações formais, e o faz matematicamente. Em química sabemos à exaustão das leis que permitem, ou não, as combinações das diferentes substâncias segundo as possibilidades de sua natureza, arquétipo criador de tudo que há.

Ilimitada e ilimitável, a realidade das coisas se foi verificando regrada por modelos intrínsecos de sua natureza, modo pelo qual a ciência foi revelando o que já afirmava a filosofia, o arquétipo das coisas reside nas ideias, e, se as revelarmos, teremos desvendado o mistério, teremos decifrado o código, e faz-se a maravilha do entendimento, unica matriz das infinitas possibilidades a nível humano, posto que tudo mais é escuridão e apalpadelas metafísicas, até que consigamos entender e interpretar a realidade que observamos e as manifestações empíricas de tudo com o quanto lidamos, permanecemos no escuro.

E se é assim a essência das coisas além do mundo sensível, uma vez que fixemos o olhar para além da ilusão da aparência das coisas, como, por exemplo, ao observarmos o percurso solar, a primeira ideia é que o Sol roda ao redor da Terra, quando sabemos que é exatamente o contrário que ocorre, com atenção, ela só nos revelará a verdade, esta tão desejada luz que só se acende na dialética, permitindo libertarmo-nos da visão fragmentária superficial, para atingirmos o 'toú agothoú idéa', a ideia do Bem, abandonando a 'eikasia e pistis' para entrar na 'dianoia e noesis', exatamente como a neurociência veio a confirmar milênios depois, a conclusão de Platão, rejeitando o acaso pela assunção da causalidade, como a Natureza há muito nos indicava, uma vez que é fonte de toda ciência.

Logicamente se tudo tem sua causa, não podemos deixar ao acaso a regência da realidade

das coisas, muito menos as virtuais, posto que estas são as potenciais realidades susceptíveis de se materializarem por um lado, e por outro muito mais afetas a ‘dianoia’, ou seja às ideias que nos governam, constituindo imenso perigo porque o futuro é feito de ideias que, como fantasmas, abentesmas assustadoras, são os espectros voando como avejões na direção de suas aparições constantes, que, se toleradas, irão se materializar como imagens no espelho diáfano do entendimento, sendo depois aceitas por todos como verdades tegumentosas.

Portanto devemos ter em atenção:

1. A responsabilidade civil na net só existe se for denunciada uma transgressão, e esta obtiver decisão judicial que a reconheça, diferentemente da vida civil onde qualquer transgressão denunciada (à polícia) obtém imediata resposta. Se alguém proferir injúrias contra você, é imediatamente silenciado, se o atacar, é primeiro detido e depois levado a Juizo pelo crime de agressão. Essa inversão da lógica da resposta à criminalidade, permite, no mundo virtual, ao criminoso praticar o crime impunemente e repetidamente por largo período de tempo, de tal sorte que se o ofendido vier, quando vier, obter as restrições misteres a serem imputadas a quem o ofende, o malfeito já estará consumado, e a injustiça consolidada, uma vez que ficou espalhada a ofensa, mor das vezes baseada em falsidade, e se viralizar poderá mesmo atingir níveis planetários, com milhões a ver, sem saneamento possível. Esta condição de impossível defesa, e falta de pronta punição, é a porta aberta a todos que com más intenções, pelas mais variadas razões, queiram prejudicar quem quer que seja.
2. A demanda pessoal de milhões (fofoqueiros, paparazis, mentirosos, mal-intencionados ou não, e seus seguidores) tem a capacidade de gerar correntes inteiras, de proporções industriais, não só contra indivíduos, mas como ação de desarmonia em velocidade inimaginável na oralidade, ou na escrita não tecnológica, prejudicando tanto pela intenção do falsificador, como pela ação disseminatória do consumidor que reproduz a desinformação ao consumi-la, tanto por sua própria ação, como pela ação multiplicadora dos algoritmos.
3. A multiplicidade de usos, bem como das diferentes intenções de uso, deste meio tecnológico para os mais inqualificáveis fins, permite a corrupção generalizada dos valores sociais, uma vez que o próprio consumidor não se alarma com as diatribes e absurdos que encontra nas redes sociais, as achando circunstanciais, ou serem restritos

os desaforos e as invenções propaladas, portanto não serão graves, uma vez que no universo virtual não existe ação, assim como na guerra fria, que não deixa de ser guerra a conta disso. Deste modo o racismo, a violência contra as mulheres, os impulsos pedófilos, os descréditos políticos, religiosos e éticos, etc… etc… são difundidos sem que sofram nenhuma coibição.

4. A verdade subjacente às atitudes anti-democráticas, e criminosas permitidas na internet, é que há uma intencionalidade, muitas vezes perversa, nestas propagações de notícias falsas, posto que direcionam suas ideias a partir de um foco de onde dimanam a maioria das detrações de relevo difundidas, é a intencionalidade política. Já a razão das empresas servidoras que permitirem isso, é econômica, não se importando com as consequências sociais, muitas delas criminosas. Não refrear essa difusão à cabeça, permite que se forme um ambiente de desinformação propício aos interesses mais esdrúxulos, propagando ideias intencionadas que servem a grupos políticos que desejam ver inculcadas estas ideias, as fazendo ser aceitas por número sempre crescente de desavisados.
5. A Inteligência artificial, fruto do adestramento político-social da máquina em sucessivos ângulos, conferindo-lhe hipotética lucidez em meio a escuridão geral, e conexões lógicas pelo nexo que apresenta onde há falta de tanto entendimento, permitindo, pelas imensas associações, simular pensamentos e inteligência, portanto assim se intitulando apesar de faltar-lhe sempre muito de imaginação, algo de concepção e um raciocínio verdadeiro, posto não ter espírito, e ser instrumento indissociável de quem a criou, nunca uma inteligência. Mas a ideia de inteligência é engraçada e encobre a autoria, por isto largamente aceita.

Voltando à Caverna de Platão do preâmbulo, temos que as imagens refletidas, as que só podemos observar na parede (ecran) imobilizados pela forma como nos é apresentada a pretensa realidade em seu jogo de sombras, condição impossível à época da ideia da caverna, mas que hoje existe e chama-se computador, com a mesma iluminação às nossas costas, traz toda uma realidade, do mesmo modo que a parede da caverna, diria Glauco concordando, que contém os mesmos modos de distorção, gerando os mesmos ‘prisioneiros crédulos’ da única realidade que passam a conhecer, impossível à época de Platão que perspectivou toda esta situação, impossível no seu tempo, e que hoje, sem prospectiva, grassa, desinformando e alucinando aos usuários das redes, pleiteando por ser aceita cada vez mais, posto que só existe em potencial e não em ação, alega, por virtual que é, sendo para os que a controlem, poderosíssimo instrumento de ação, uma vez que “a essência das

coisas está para além do mundo visível", como constatou Orwel, e este 'potencial' é capaz de tudo, impedindo inclusive a ascensão da alma para o mundo inteligível, fazendo com que permaneça na lógica do reflexo que lhe apresentarem.

Não esquecendo que a ideia do Bem é a última a ser aprendida, e com grande dificuldade, toda e qualquer substituição desta ideia, proposta como verdade, tem a capacidade de engendrar as almas e o entendimento, logo também no mundo inteligível. Assim a dita IA, inteligência artificial, é o meio mais efetivo de incutir as convenientes informações de uma realidade que se deseje fazer crível, ainda que seja falsa, ademais supostamente sem autoria.

Neste enorme perigo a que estamos sujeitos, nossa única esperança, essa qualidade nossa, exclusivamente humana, é a de que a 'ideia do Bem', arquétipo original, em sendo soberana, dispensa a inteligência, e mesmo a verdade, venha por fim prevalecer, posto que só ela engendra as almas efetivamente. Por agora devemos entender que estamos todos em perigo.